

O SOCIALISMO REAL

META

Apresentar as características do socialismo realmente existente

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

compreender os fundamentos teóricos do socialismo;

identificar os elementos da conjuntura que possibilitaram a instituição do primeiro Estado comunista – URSS;

compreender as diferentes etapas do desenvolvimento econômico das formações sociais comunistas: URSS, China e Cuba;

identificar os fatores que contribuíram para o desmoronamento do “socialismo real” soviético e das “Democracias Populares do Leste Europeu”, e as transformações operadas no comunismo das formações sociais e econômicas da China e de Cuba.

PRÉ-REQUISITOS

Ter estudado e assimilado o conteúdo da aula “Trabalhadores do mundo, uni-vos!”



Figura 1 - Socialismo (Fonte: <http://galizacig.com>).

INTRODUÇÃO

Em O 18 Brumário de Luís Bonaparte, Karl Marx faz análise do golpe de Estado empreendido por Napoleão III, em 1848, na França. Ao iniciar a sua reflexão, Marx apresenta uma de suas teses sobre o desenvolvimento do processo histórico, que serve muito bem para iniciar o nosso estudo sobre o “socialismo realmente existente”. Segundo o autor de O 18 Brumário de Napoleão Bonaparte:

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas, transmitidas pelo passado.” (MARX, 1978, p. 17)

E é com o entendimento de que a história se desenvolve não conforme os nossos desejos, mas sim, através das diversas circunstâncias criadas pela sociedade humana, que devemos estudar como a Revolução que deveria ser mundial limitou-se a ser nacional, e, às vezes, muito distante das idéias defendidas pelos principais teóricos da revolução comunista internacional.

Na aula que iniciamos agora, vamos buscar entender como se constituíram as economias do socialismo real, ou seja, do socialismo que realmente existiu. O estudo estará centralizado nas experiências soviética, chinesa e cubana.



Figura 2 - General Bonaparte no conselho dos quinhentos
(Fonte: <http://pt.wikipedia.org>).

LUZES DA HISTÓRIA

Durante todo o decorrer do século XIX, as formações sociais e econômicas capitalistas se consolidaram, em especial, a inglesa que foi centro irradiador da primeira e segunda revolução industrial, processos que determinaram a dinâmica das forças produtivas e da relação social de produção capitalista.

O processo de expansão do modo de produção capitalista se realizou fomentando as diversas contradições sociais e econômicas inerentes à sua natureza.

Na raiz de todas elas (contradições) encontramos o antagonismo inconciliável entre o capital e o trabalho (MÉSZÁROS, 2003, p. 19).

Contradição que, combinadas às outras, se radicalizou a ponto de fomentar revoluções e outras ações políticas que visaram à destruição de formações sociais capitalistas e a instituição de sociedades comunistas.

A efetivação de processos revolucionários, objetivando a instituição de sociedades comunistas, foi uma proposição que estava presente nos diversos escritos elaborados pelos dois principais teóricos do comunismo: Karl Marx e Friedrich Engels. Uma escrita bastante conhecida em defesa da revolução comunista pode ser observada no Manifesto do Partido Comunista, publicado em 1848, que se encerra através da seguinte sentença:

Os comunistas não ocultam suas opiniões e objetivos. Declaram abertamente que seus fins só serão alcançados com a derrubada pela violência de toda a ordem social existente. Que as classes dominantes tremam diante da revolução comunista. Os proletários nada têm a perder nela, além dos seus grilhões. Têm um mundo a ganhar. Proletários de todos os países, uni-vos! (MARX, 1998, p. 41).

Para os teóricos da revolução comunista internacional, a sociedade comunista é uma sociedade superior ao capitalismo, pois, através do planejamento coletivo do processo social de produção e distribuição, superaria as contradições inerentes ao capitalismo, geradoras das crises econômicas, do desemprego, dos desperdícios de recursos naturais e humanos. E em que a desigualdade social tenderia a desaparecer com a abolição da propriedade privada dos meios de produção, transformada em propriedade coletiva dos trabalhadores.

Ainda, a sociedade comunista, através do planejamento coletivo, teria o desenvolvimento alcançado pelas forças produtivas do capitalismo, que seriam elevadas e usufruídas pelo conjunto da sociedade comunista. “Acabariam as discriminações raciais, sexuais, religiosas e de outra natureza



Vladimir I. U. Lênin

Foi um importante revolucionário, líder da Revolução Russa de 1917, e estadista russo. Nasceu em 10 de abril de 1870 na cidade russa de Simbirsk (atual Ulyanovsk) e morreu em 21 de janeiro de 1924 em Gorki (próximo a Moscou). Em 1921, implantou a NEP (Nova Política Econômica) na Rússia. O objetivo era dar um pouco mais de liberdade para o comércio e agricultura para que a economia russa pudesse crescer. Em 1922, criou, em conjunto com os soviets, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

e as limitações políticas à liberdade individual e coletiva, de modo que, de acordo com o famoso mote de Marx, o desenvolvimento de cada um indivíduo seria a pré-condição do desenvolvimento de todos.” (SINGER, 1998, p. 174)

Mas, apesar das afirmações em defesa da revolução e da sociedade comunista, Karl Marx e Frederich Engels não chegaram a formular uma teoria definitiva sobre a constituição de uma sociedade comunista. Seus escritos demonstram que consideravam impossível a vitória da revolução comunista se essa ficasse limitada a um só país. Ela teria de ser uma revolução mundial, e não nacional.

Esse posicionamento influenciou os líderes da Revolução Soviética, pois

a Revolução de Outubro se via menos como um acontecimento nacional que ecumênico. Foi feita não para proporcionar a liberdade e o socialismo na Rússia, mas para trazer a revolução do proletário mundial. Na mente de Lênin e seus camaradas, a vitória bolchevique na Rússia era basicamente uma batalha na campanha para alcançar a vitória do bolchevismo numa escala global mais ampla, e dificilmente justificável a não ser como tal. (HOBSBAWM, 1995, p. 63).

Apesar de desencadear movimentos revolucionários em várias regiões do globo, a história demonstrou que a revolução mundial comunista não vingou como aguardavam os líderes bolcheviques. Fato que ficou evidente com a derrota da revolução socialista na Alemanha em 1918, e na República da Baviera e na Hungria em 1919. Na Itália, a ocupação pelos operários das fábricas e os levantes camponeses durante os primeiros anos da década de 20, e as diversas atividades operárias revolucionárias ocorridas na Europa e até em outros continentes não se transformaram em revoluções que alimentariam a vaga da revolução internacional.

As derrotas sofridas pelo movimento internacional comunista favoreceram ao crescimento de um movimento contra-revolucionário em todo o mundo, o que contribuiu para o isolamento da revolução soviética e para que ela tomasse a forma idealizada pelos defensores da teoria do “socialismo em um só país”, especialmente defendida por **Joseph Stalin**. Tese que cresceu dentro do Partido Comunista Soviético depois da morte de Lênin e da derrota de Trotsky, defensor da “teoria da revolução permanente”. Também, a tese da revolução em um só país refletiu uma conjuntura desfavorável, construída pela guerra civil, que se segue logo após a tomada do poder pelos bolcheviques; a invasão e boicote dos países capitalistas; e seguida pela invasão nazi-fascista. Apesar dessa pressão, a Revolução Soviética saiu vitoriosa e “edificou o primeiro Estado comunista”, “o socialismo real”.

O quadro sócio-econômico da formação social russa, nas vésperas da revolução soviética, em 1917, se apresentava em um processo lento de



Josef Stalin

Ditador soviético.
(Gori, Geórgia -
1879; Kunzewo,
Rússia - 1953).

transição de uma estrutura feudal para o capitalismo industrial, iniciado no final do século XIX. Processo que foi fortemente impulsionado pelos interesses do capitalismo internacional da França, Inglaterra e Alemanha, países desejosos de explorar as riquezas russas através do controle das indústrias mineradoras, têxteis, metalúrgicas, siderúrgicas, químicas e do setor ferroviário. Essa situação colocou o capitalismo nascente na Rússia atrelado ao capital financeiro dos principais estados imperialistas da Europa. No campo, apesar de a servidão ter sido declarada extinta em 1961, a estrutura agrária russa conservava elementos feudais, dificultando a sua transformação para a exploração capitalista da agricultura. O atraso das relações sociais no campo russo contribuía para a insatisfação dos camponeses, que representavam, em 1913, dois terços da população russa.

A situação econômica impulsionava desigualdade entre as classes sociais existentes, acirrando os conflitos de classe, que foram agravados com os gastos militares empreendidos pelo Império Czarista na guerra contra o Japão e a Alemanha, durante a I Guerra Mundial, na qual saiu fragorosamente derrotado, fazendo ampliar os movimentos revolucionários que visavam à destruição do Estado czarista.

A disputa política nas vésperas do processo revolucionário envolveu a participação de cinco grandes partidos (grupos sócio-ideológicos) representantes de interesses dos diferentes setores das classes sociais em litígio. O partido czarista, formado pela nobreza, se apresentava via duas vertentes: uma, que defendia a instituição lenta e parcial do Estado liberal, e a outra, na qual se destaca o Movimento dos Cem Negros, pregadora do racismo, defensora dos métodos repressivos para a manutenção do Estado autoritário e imperial. Os dois grupos se unificavam na posição de serem contrários radicalmente ao socialismo; outro grupo político-ideológico era formado pela burguesia liberal, que se agrupava em torno do Partido Constitucional Democrata (Partido Cadete), defendia a permanência do Czar, com o poder limitado pela Duma (parlamento) e adoção de regras do capitalismo liberal para regular as atividades econômicas; o terceiro grupo se constituía dentro do Partido Social-Revolucionário tradicionalmente conhecido como “naronidique” (popular), lutava contra o poder absolutista, a servidão camponesa, o latifúndio, e a socialização da terra. Posicionavam-se favoráveis à instituição da República, direito à organização livre dos partidos políticos e à pequena propriedade camponesa. O quarto grupo era o de bases teóricas anarquistas influenciadas pelo pensamento de Bakunin e Kropotkin. Não estava organizado em partido político, mas em grupos autônomos, defensores de atos terroristas com objetivo de destruir o Estado Czarista e sua ordem econômica. Tiveram papel importante durante o processo revolucionário de 1917. O último grupo atuava baseado nas teses marxistas, tendo como maior representante o Partido da Social-Democracia Russa (POSR). Em 1905, em virtude das divergências do caráter da Revolução Russa, dividiu-se

em dois: os mencheviques (minoría) e bolcheviques (maioría). A divisão foi definitiva em 1912, e a social-democracia se dissolveu dando lugar aos dois partidos: o Bolchevique, liderado por Lênin e Trotski, defendia a revolução comunista, enquanto o Menchevique era partidário de uma revolução democrático-burguesa. O Bolchevique, apoiado na classe operária e aliado aos anarquistas e dissidentes do Menchevique, assume a direção do processo revolucionário em 1917, levando à derrota o czarismo e fundando a República Soviética. (VIZENTINI, 1989, p. 31-32).

No primeiro momento da instituição do Estado operário russo, o programa econômico se baseou nas teses de Lênin, defensor da idéia de que a formação da sociedade comunista percorreria um período de transição, e que a sua primeira etapa se daria através da instituição do “capitalismo de Estado”, no qual o operariado se apropriaria dos avanços produzidos pelas forças produtivas capitalistas e da estrutura do Estado para destruí-lo e criar a sociedade comunista. Mas essa idéia teve de ser abandonada em virtude da crise gerada pela guerra civil, ampliada pela radicalização da reação da nobreza feudal e da burguesia, que buscavam recuperar o domínio do Estado russo, e pela invasão dos exércitos dos países capitalistas. Esses fatos ampliaram a crise da economia da Rússia, que ficou reduzida em 80% de sua produção industrial; a produção agrícola em mais ou menos 50% e a produção de energia elétrica em 70%. A Rússia foi dominada pelo caos nos transportes, pela fome e pelas epidemias.

O capitalismo de Estado” foi substituído por uma política econômica baseada em medidas radicais de nacionalização das indústrias, dos serviços e da terra, de regulação do consumo e da produção, e da expropriação de toda a produção camponesa. Essas medidas ficaram conhecidas como “o comunismo de guerra”, “conceito criado para dar conta de uma sociedade de abundância, derivou-se um outro, para nomear o racionamento, o igualitarismo da escassez” (REIS, 2000, p. 56).

Em 1921, a revolução estava vitoriosa. Havia derrotado a oposição conservadora interna (nobreza czarista e a burguesia) e os exércitos invasores, mas a economia soviética estava arrasada e o nível de produção recaiu abaixo do produzido nos anos anteriores a 1914, antes da I Guerra Mundial. A insatisfação da população crescia, abrindo frentes de oposição dentro dos setores que apoiaram a revolução, como foi o caso do levante dos marinheiros da base naval de Kronstard, em 1921.

A insatisfação atingia outras camadas dos trabalhadores, o que foi demonstrado através de greves e através de ações dos camponeses, que reagiam violentamente contra a continuidade das apropriações de sua produção pelo Estado.

A infra-estrutura industrial não conseguiu avançar devido à precariedade do fornecimento de energia e outras matérias primas, além de força de trabalho operária desqualificada e que foi drasticamente reduzida pela guerra civil e pela luta contra os países invasores. Situação que se tornava mais grave com o isolamento do Estado Soviético empreendido pelos países capitalistas.

Em parte, as dificuldades econômicas e políticas fazem crescer a burocracia e seus velhos vícios, criando as condições favoráveis para a transformação da “ditadura do proletariado” em ditadura do “partido único”, o que acarretou a instituição de um Estado centralizado e autoritário bastante distante das teses defendidas por Karl Marx, Frederich Engels e outros.

Com o objetivo de retirar a economia do “caos” em que se encontrava, com a fome dominando a população, o Estado revolucionário soviético elabora um plano econômico, que foi anunciado por Lênin, no X Congresso do Partido Comunista Soviético, em março de 1921. O plano econômico recebeu o nome de: Nova Política Econômica – NEP, que em linhas gerais representou “um passo a traz e dois à frente” definido por Lênin como um retorno a determinadas práticas capitalistas como: a moeda, o trabalho assalariado, a transmissão hereditária da propriedade, imposto sobre a propriedade privada e circulação de mercadoria, e convidou o capital estrangeiro para voltar a investir na economia russa. E incentivou a introdução nas indústrias soviéticas da prática do taylorismo. Mas, o Estado manteve as nacionalizações das grandes empresas e o monopólio do comércio externo. Em relação ao campo, a NEP procurou recuperar a produtividade agrícola. Os dois passos à frente consistiriam em retirar a economia soviética das dificuldades que se encontrava.

Com seu realismo habitual, Lênin introduziu em 1921 a Nova Política Econômica, que na verdade reintroduzia o mercado e, de fato, em suas próprias palavras, recuava do Comunismo de Guerra para o Capitalismo de Estado. (...) E embora a Nova Política Econômica desmantelasse o Comunismo de Guerra, o controle e pressão do Estado continuaram sendo o único modelo conhecido de uma economia de propriedade e administração socializada. (HOBSBAWM, 1996, p. 368-369).

A economia era de responsabilidade direta do Estado Socialista Soviético, que, através de um rigoroso planejamento, objetivou retirar a economia do atraso, possibilitando melhorias na infra-estrutura e nas condições de vida da população russa. O resultado da NEP foi razoável, pois conseguiu retirar a economia do caos em que se encontrava, fazendo crescer a produção industrial, porém continuava ser uma economia dominada pela atividade agrícola.

Com a morte de Lênin, em 1924, após a derrota política de Leon Trotsky na disputa pela hegemonia do PC soviético, Josef Stalin assumiu a direção do Partido e do Estado Soviético, e adota uma política caracterizada por ser centralizadora e repressiva. No campo da economia substituiu a NEP por planos econômicos quinquenais. O Primeiro Plano Quinquenal (1928 – 1933) visava à “industrialização acelerada” e regularização da oferta dos produtos agrícolas. Para muitos dos estudiosos da Revolução, as ações de Stalin se figurou como a Segunda Revolução Soviética, que aconteceu diferentemente do que ocorreu em 1917, pois partiu de cima para baixo, ou seja, do Comitê Central do Partido Comunista.

A operacionalização dos objetivos do Primeiro Plano Quinquenal encontrou várias dificuldades. Para a “industrialização acelerada”, por exemplo, faltavam capitais para investimentos, mão de obra qualificada e tecnologia. Na agricultura, em virtude da reação dos “kulaks” (propriedades camponesas médias ou grandes) que controlavam o fornecimento de alimentos para as cidades e não aceitaram as diretrizes do I Plano Quinquenal. À reação dos setores dos camponeses, Stalin agiu violentamente, acusando todos de serem “inimigos da Revolução e agentes do imperialismo” e determinando a coletivização do campo visando à modernização da agricultura e destruição da força política dos “kulaks”. A política adotada pelo I Plano estruturou o campo russo em duas modalidades de propriedade: “sovkhozes” (fazendas estatais) e “kolkhozes” (cooperativas de pequenas propriedades). O conflito no campo deixou um trágico saldo, a morte de mais de três milhões de camponeses. Em linhas gerais, os planos quinquenais adotados na União Soviética se caracterizaram por impulsionar uma “industrialização centralmente planejada, ou seja, não capitalista. O Estado, controlando quase todas as decisões econômicas”. As metas definidas pela burocracia do Partido Comunista Russo e pela Comissão Estatal de Planejamento (GOSPLAN) deveriam ser obedecidas em todos os níveis sem qualquer admoestação.

A industrialização de forma intensiva da sociedade soviética transformou milhões de camponeses em operários urbanos, criando vários problemas sociais.

As cidades cresceram, mas ruralizaram-se, na medida em que a maior parte da população urbana era egressa do campo. A rotina imposta pela sociedade industrial, regulada pelo relógio, foi introduzida bruscamente na vida dos camponeses, contrariando seus hábitos tradicionais. (VIZENTINO, 1989, p. 87).

Essa situação contribuiu para o desperdício e ineficiência do setor produtivo soviético, o que levou o Estado a impor uma “legislação trabalhista draconiana” que estabelecia uma forte vigilância sobre o trabalhador e desmantelava qualquer forma de organização dos trabalhadores. É bom

lembrar que a Inglaterra levou séculos para impor a transição do trabalhador camponês para o operário urbano.

Apesar das dificuldades estruturais e do sofrimento da população

a industrialização acelerada e a coletivização do campo transformaram, em curto espaço de tempo, um país arcaico em uma nação industrializada. (...) Apesar da escassez de bens de consumo, o Estado assegurou a todos o acesso ao trabalho, alimentação, vestuário, assistência médica, habitação subsidiada e uma certa igualdade (FERREIRA, 2000, p. 93).

O que terminou contribuindo para a existência de uma mobilidade social e mudanças na cultura do povo russo. Uma sociedade dominada por uma população camponesa de um dia para outro passou a ser urbana e industrializada. O modelo de desenvolvimento soviético durante os anos trinta e do pós-guerra mundial serviu de inspiração para vários países, que passaram a adotar o planejamento estatal para perseguir a sua industrialização. Entre esses países se destacam a China, Cuba e outros da Europa Oriental.

Porém, a partir dos anos 70, as economias socialistas, em especial a soviética e as dos países socialistas europeus orientais começam a dar sinal de que elas entravam em um processo de desaceleração econômica. O crescimento continuava a acontecer, mas de forma lenta, demonstrando que no tocante à qualidade, os produtos industriais, os procedimentos tecnológicos utilizados no processo de produção, os procedimentos de gestão administrativa e trabalho perdiam em qualidade para os produtos da economia capitalista, que caminhava para uma nova revolução tecnológica e científica, principalmente nos EUA.

A crise não se limitou ao cenário econômico. A estrutura do Estado, caracterizada pela centralização, pelo domínio do partido único e pela repressão, e a estrutura social desgastada pelo aumento da desigualdade em virtude dos privilégios destinados aos membros da burocracia do Estado e ao restante da população, desmontava na prática a idéia da construção de uma sociedade igualitária. Essa situação favorecia o crescimento da indiferença das populações diante dos destinos das nações e da defesa dos ideais do socialismo internacional, o mito da revolução definhava a olhos vistos e a esperança de um novo mundo desaparecia.

As contradições entre os países socialistas cresciam chegando até a levar alguns Estados a assumir posições de beligerância (URSS X China; China X Vietnã; Vietnã X Camboja). Em outros casos, as contradições se manifestavam pela repressão de estados socialistas contra movimentos revolucionários de tendências socialistas, que exigiam liberdade de organização (sindical ou partidária) como aconteceram na Hungria, Tchecoslováquia e China. Em alguns países socialistas a liberdade de organização dos trabalhadores foi limitada ou estava aparelhada pelo Estado.

A crise interna que atingiu os estados socialistas se aliou à pressão externa exercida pelas principais formações sociais capitalistas, que na década de 80, sob a liderança de Margaret Thatcher, pela Inglaterra, e Ronaldo Reagan, pelos EUA, impunham a defesa dos princípios neoliberais. Todo esse quadro favoreceu, na União Soviética e em outros países socialistas, o crescimento da idéia da necessidade de reforma para que a nação voltasse a crescer economicamente e os conflitos sociais e políticos fossem amenizados.

O sentimento da necessidade de realizar algumas mudanças nas sociedades socialistas se espelhou, e em especial, na URSS, onde repercutiu através da eleição para o cargo de Primeiro Secretário do Partido Comunista da União das Republicas Soviéticas, em 1985, com a vitória de **Mikhail Gorbachev**, responsável pela introdução de uma política econômica que visou à reestruturação (Perestroika) da economia soviética, objetivando modernizá-la para voltar a crescer. Junto às mudanças na economia, Mikhail Gorbachev programou ações que buscavam dar transparência (Glasnot), possibilitando o conhecimento do funcionamento do governo, impedir a corrupção e uma maior liberdade política, cultural, de imprensa e científica.

A Perestroika visando ampliar a produtividade do trabalho desenvolveu uma política de qualificação do trabalhador voltada ao combate do alcoolismo, à superação da indiferença em relação ao trabalho e à corrupção. Também, a reestruturação foi dirigida para a introdução de novas tecnologias e métodos de gestão, incentivou a formação de empresas mistas, inclusive com a participação de capital estrangeiro.

Em 1991, as reformas propostas por Gorbachev mostram-se insuficientes para manter a existência do socialismo soviético, e, logo em seguida, em 1992, a economia russa aprofundou os encaminhamentos que levou à desestatização da economia, ao fim do planejamento econômico e adoção das leis mercantilistas de mercado. A economia russa voltava a ser dirigida com bases capitalistas.



Mikhail S. Gorbachev

(Secretário-geral do PCUS de 1985 a 1991) nasceu em 2-3-1931, Priolnoe (próximo

de Stavropol). Jurista e agrônomo, iniciou sua carreira política em 1955 como funcionário do Komsomol e do Partido Comunista. Secretário do Comitê Central do PCUS desde 1978, Gorbachev foi eleito sucessor de Konstantin Chernenko. Devido aos graves problemas econômicos que agitavam a sociedade russa impôs, sob os conceitos genéricos de “Glasnost” (abertura) e “Perestroika” (reforma), profundas reformas no estado soviético e em sua economia, com o objetivo de democratizar o país. Deve-se ainda a Gorbachev o termo da guerra fria, assinalado pela reunificação alemã em 1990, e o desmoronamento do bloco de países militar e politicamente vinculados à URSS (dissolução do Pacto de Varsóvia e do Comecon em 1991). Em 1990, Gorbachev recebeu o Prêmio Nobel da Paz. Após a dissolução pacífica da URSS e a fundação da Comunidade de Estados Independentes (CEI), renunciou ao cargo de chefe de Estado em 25 de dezembro de 1991.

Na China, o processo revolucionário, iniciado em 1927, foi concluído em 1949, quando os comunistas liderados Mao Tse-tung conquistaram o poder e deram início à instituição da “Nova Democracia Chinesa”, com a fundação da República Popular da China. A revolução tinha como meta empreender a transformação de uma sociedade camponesa em uma sociedade moderna, industrializada e democrática. Entre os anos de 1949 e 1953, o partido comunista chinês empreendeu as primeiras reformas estruturais. Em 1953, o Partido Comunista Chinês, seguindo o modelo do Estado Soviético, desenvolveu o 1º Plano Quinquenal (1953/1957) que visava estimular a industrialização, com ênfase na produção de bens e equipamentos e efetuar a coletivização da agricultura através da criação de cooperativas agrícolas. No ano de 1958, foi iniciado o 2º Plano Quinquenal (1958/1962), que foi chamado por Mão de: O Grande Salto para Frente. O Plano procurou ampliar a produção industrial e agrícola. Na agricultura, as cooperativas agrícolas foram substituídas pelas Comunas Populares que consistiam em unidades sociais, agrícolas, industriais, administrativas, culturais, médicas e militares. Em uma Comuna Popular reuniam-se de 20 000 a 30 000 pessoas, existia um comitê central que controlava as metas e o processo de produção e organizava as Brigadas de Trabalho.

O Segundo Plano Quinquenal não deu o resultado esperado pelas autoridades do Estado e do Partido Comunista. O fracasso foi decorrente da fraca qualificação da força de trabalho, das máquinas rudimentares, da redução da produção agrícola e do fornecimento de matéria prima decorrente das secas e inundações. A situação da economia chinesa comunista se agravou após o rompimento político com a URSS que cortou toda ajuda técnica necessária à modernização da indústria e da agricultura da China Popular.

O fracasso do “Grande Salto para Frente” forçou ao PC Chinês a descartar certas políticas coletivistas e adotar políticas mais liberais em relação à economia, porém conservou o centralismo político em torno de um único partido, o Partido Comunista. A partir daí, a China Popular cresce e o seu crescimento é acompanhado por medidas econômicas que procura ajustar a sua economia ao mercado globalizado. Essas medidas de mercantilização da economia chinesa foram principalmente incrementadas a partir da década de 1990, e transformaram a China Popular na quarta maior economia mundial, representando 13º da economia do mundo. Porém, esse crescimento não repercute em benefício da maioria da população, principalmente a camponesa que vive em situação de pobreza. O crescimento da China, como a ocorrida nos países capitalistas, se realiza através da utilização em alta escala de combustíveis fósseis (carvão mineral e petróleo), o que tem contribuído para a degradação da natureza.

Em 1959, Cuba fez sua revolução, que no primeiro momento não assumiu uma via socialista, pois o seu principal objetivo era dar fim ao capitalismo dependente, submetido aos interesses dos empresários capitalistas

cubanos e em especial dos norte-americanos. O domínio norte-americano sobre a economia cubana se estabeleceu desde 1898, quando, depois de se tornar independente da Espanha, passou a ser um protetorado dos Estados Unidos da América, país que passou a controlar a produção e a exportação açucareira, e as outras atividades econômicas importantes da ilha. Durante esse período, a sociedade de Havana, capital de Cuba, conviveu com a intensa exploração do jogo, da prostituição e da corrupção. A miséria e o analfabetismo predominavam na sociedade cubana.



Figura 6 - Mao Tse-tung Chefe de Estado e do Partido Comunista na China, Nascido em 26/12/1893, Shaoshan, província de Hunan. Faleceu em 09/09/1976, em Pequim. Fundador da República Popular da China e importante teórico do comunismo, Mao era de uma família camponesa. Estudou Pedagogia e viveu em Pequim (de 1918 a 1919), onde trabalhou como auxiliar de biblioteca, conhecendo o comunismo. Foi um dos fundadores do Partido Comunista chinês em 1921, aliando-se posteriormente ao Partido Nacional ou Kuomintang de Sun Yat Sen. Em outubro de 1949, proclamou a República Popular da China, assumindo a presidência do primeiro governo. Mais tarde, após a promulgação da nova Constituição, em 1954, Mao tornou-se presidente da República, iniciando a transição socialista que fez da China a terceira potência mundial, atrás dos Estados Unidos e da URSS (Fonte: www.netsaber.com.br).

Em 1953, o Movimento Nacionalista Revolucionário, liderado pelo advogado Fidel Castro, realizou a primeira tentativa de derrubar o governo de Fulgêncio Batista, que era apoiado pela burguesia agrária e pelos capitalistas norte-americanos. Mas, a revolta foi derrotada, ocasionando a prisão e morte de lideranças. O próprio Fidel Castro foi aprisionado e depois exilado no México.

A luta revolucionária foi reiniciada no ano de 1956, com a luta de guerrilha localizada na Sierra Maestra, culminando com a tomada do poder

em 1959. A revolução cubana, nesta fase, contou como lideranças: Fidel Castro, o médico Argentino Ernesto Che Guevara, o irmão mais novo de Fidel, Raul Castro e do espanhol Camilo Cienfuegos.

O governo revolucionário assumiu realizando reformas, dentre as quais citamos: nacionalização das empresas responsáveis pela luz, gás, telefone e ferrovias, da estrutura portuária, das grandes propriedades rurais e das propriedades improdutivas. Reorganizou a educação e saúde, destacando-se a luta contra o analfabetismo. Na política internacional, Cuba revolucionária restabeleceu as relações diplomáticas com a URSS. As ações desenvolvidas pelo governo revolucionário de imediato contaram com uma radical reação dos EUA, que foi materializada através da suspensão da compra do açúcar cubano, pelo rompimento das relações diplomáticas entre os dois países e pela organização da invasão do território cubano da Baía dos Portos.

A forte pressão americana favoreceu o segmento dos revolucionários defensores da revolução socialista, como era defendida por Che Guevara e Raul Castro, que saíram vitoriosos. E, em 1961, Fidel Castro anunciou as medidas que levavam a sociedade cubana ao socialismo. A radicalização da Revolução levou a uma nova reforma agrária que extinguiu as grandes e médias propriedades rurais e estabeleceu a criação das Granjas del Pueblo, pertencentes ao Estado, e as cooperativas. Essas medidas elevaram a produtividade da agricultura cubana. Além dessas medidas, com o apoio da URSS, Cuba procurou desenvolver sua indústria e a mecanização da agricultura.

Cuba, à semelhança das experiências soviéticas, da China Comunista e dos demais países comunistas, adotou a política da hegemonia do Partido Único, da socialização da economia e do planejamento econômico centrado nas decisões do Estado.

Em 1962, fruto da forte pressão dos Estados Unidos, a Organização dos Estados Americanos – OEA expulsou Cuba na busca de isolá-la e derrotar a revolução. Essa situação levou a economia cubana a se tornar cada vez mais dependente do comércio bi-lateral com a URSS e seus aliados socialistas.

Com a desintegração da URSS e dos países socialistas na Europa a economia cubana entrou em colapso em virtude da queda de exportação do seu principal produto, o açúcar, contribuindo para reduzir a importação de



Fidel Castro

Fidel Alejandro Castro Ruz nasceu no dia 13 de agosto de 1926, no povoado cubano de Birán (província de Holguin).

Seu pai, Ángel Castro Argiz, era um agricultor neste povoado. Fidel Castro é presidente de Cuba desde a Revolução Cubana (1958-1959), que derrubou o governo pró-americano do general Fulgêncio Batista. Esta revolução tinha um caráter nacionalista e socialista, pois recebeu forte influência do “companheiro” Ernesto Che Guevara (conhecido como “Che”) e do irmão de Fidel, Raúl Castro. Após a revolução, Fidel Castro aproximou-se da União Soviética, fazendo de Cuba uma aliada do socialismo na América. Fato que fez com que os Estados Unidos passasse a tratar a ilha como uma perigosa inimiga. Os Estados Unidos, na década de 1960, implantou um bloqueio econômico a Cuba, influenciando também na expulsão do país da OEA (Organização dos Estados Americanos). Após a revolução, Fidel implantou um sistema socialista na ilha, acabando com a desigualdade social entre os cidadãos cubanos. Implantou uma economia planificada, que contou com o apoio soviético.

produtos essenciais para a população e o desenvolvimento industrial, fato que se agravou com o aumento dos preços do petróleo, o que demandava a retirada de investimento nas ações sociais, criando imensas dificuldades para a sobrevivência da população.

O período de crise econômica depois da desintegração da URSS, em Cuba, ficou conhecido como o “Período Especial”, e durou de 1989 a 1994. Durante o “Período Especial” a ilha cubana enfrentou uma de suas piores crises econômicas que obrigou ao governo comunista empreender reformas na economia. Reformas que lentamente levaram Cuba a começar a abrir-se para o capital internacional ao permitir a formação de “joint-ventures” (parceria entre o capital privado e o estatal) na exploração de várias atividades econômicas como: extração do petróleo, nas usinas termoeletricas, na produção de cítricos e do turismo. Também, foram tomadas medidas que ampliaram a relação do trabalho assalariado e a criação de empresas particulares para a exploração de diversas atividades econômicas. Mas, mantendo as atividades da educação e da saúde responsabilidade do Estado, assim como o direito de toda a população igualmente de usufruir.

As reformas e o esforço da população contribuíram para que a economia cubana superasse a crise, fazendo com que a economia voltasse a se desenvolver. Hoje, a economia cubana apresenta uma situação mais favorável, voltando a crescer apesar de toda política de embargo comercial empreendido pelos EUA, desde 1962. As reformas empreendidas durante os anos noventa têm contribuído para que Cuba capte investimentos de países que formam a União Européia. Os recursos financeiros internacionais investidos em Cuba têm servido para alavancar as atividades de turismo, energia e telecomunicação.

CONCLUSÃO

Concluindo o nosso estudo da economia das formações sociais e econômicas “socialistas realmente existentes”, em especial da URSS, China Popular e de Cuba, podemos observar que elas foram responsáveis pela transformar sociedades predominantemente camponesas em sociedades industrializadas, desestruturando e modificando a composição social com a derrubadas das classes antigas dominantes, que se sustentavam economicamente na exploração do latifúndio.

Os benefícios conseguidos com os processos revolucionários são evidentes se levado em consideração às conquistas na saúde, educação, cultura e condições de vidas. (HOBSBAWM, 2005) Porém, também é evidente que em alguns casos, principalmente na ex-República Socialista Soviética e da China Popular as conquistas nas áreas citadas não foram acompanhadas por avanços políticos como pluralidade política e de organização, que impede a organização livre dos trabalhadores. Essa situação se coloca distante dos

princípios defendidos pelos principais teóricos da Revolução Comunista, pois eles percebiam que para a edificação da sociedade comunista a estatização da propriedade dos meios de produção e de seus produtos era uma instituição transitória até se torna uma propriedade social, ou seja, autogerida pelos trabalhadores.

Mas, como a história não se constrói como os desejos idealizados, mas sim, ela (história) se institui através das ações dos seres humanos, que no caso da Revolução Soviética, foram as ações daqueles que participaram dos levantes ocorridos em 1917, em Moscou, e a viam como o estopim da revolução internacional comunista, que desintegraria a sociedade capitalista baseada na exploração do trabalhador em benefício de uma minoria privilegiada, os capitalistas e seus auxiliares, e construiria uma sociedade de iguais e dirigidas por “soviets” (conselhos) de trabalhadores.

Porém, a história demonstra que a sociedades dos iguais e dos “soviets”, paulatinamente, se transformou em formações sociais – econômicas e políticas em que o controle dos trabalhadores sobre as empresas foi descartado, a socialização da agricultura foi efetuada de forma violenta, sem a discussão entre os camponeses, a participação democrática da administração foi absorvida pela centralização desenfreada, que foi acompanhada pela liquidação da oposição de esquerda ou de direita, como forma de instituir um pensamento único.

O sistema econômico soviético e suas derivações se constituíram em conjunturas históricas específicas e sob um posicionamento político nascido na época de hegemonia do stalinismo faliram, ou se encontram em processo intenso de transformação, como é caso da China, que sem dúvida é a experiência mais êxitosa, estar a abandonar, paulatinamente, “a idéia original de uma economia única, centralmente controlada e estatalmente planejada (...) praticamente operando sem mercado” por uma economia que cada vez mais acentuasse a presença de elementos característicos de uma economia capitalista, como: a propriedade privada, combinação entre capital estatal e capital estrangeiro, licenciamento para a instalação de multinacionais e o engajamento econômico no sistema de mercado capitalista, porem mantendo o forte controle do estado e do partido único. Das transformações em cursos das economias sobreviventes do “socialismo realmente existente” não deixa definir até o presente momento os seus destinos. Pois, só o tempo poderá dizer. Com a palavra a história.

RESUMO



No século XIX, as contradições impulsionadas pelo desenvolvimento do capitalismo contribuíram para a formação dos pensamentos e organizações políticas que se posicionaram contra a relação social e econômica oriundas das revoluções industriais. Os principais críticos do capitalismo, sejam eles anarquistas ou comunistas, defenderam a tese da revolução para a instituição de uma “nova sociedade”, pautada nos princípios da democracia e na igualdade social, em que o humano deve ser a primeira preocupação e não a acumulação de riquezas.

Durante todo século XIX, os revolucionários acumularam forças e conquistaram algumas vitórias. Mas, a primeira vitória que instituiu a primeira formação social comunista foi fruto do processo revolucionário russo que culminou com a Revolução de Outubro de 1917. As formações sociais, econômicas e políticas oriundas do processo revolucionário de 1917 se consolidaram caracterizadas por possuírem uma economia estatalmente planejada e centralizada, de mercantilização secundária, socialmente hierarquizada, diferentemente dos padrões capitalistas e politicamente dirigida por partido único e sem liberdade de organização da classe trabalhadora.

Este modelo, apesar das críticas de outras vertentes de pensamento e organização, foi distintamente implementado em formações que posteriormente realizaram suas revoluções ou foram impostos por exércitos de dominação como foi das Republicas Socialistas Européias surgidas pós segunda guerra mundial. Apesar das conquistas efetuadas pelo desenvolvimento da economia comunista e de outros setores da sociedade, o final do século XX e início do século XXI registra o desmoronamento da experiência soviéticas e dos demais países europeus e a gradual transformação que ocorre nas economias dos países do “socialismo realmente existente”, como Cuba e China.

ATIVIDADES



1. Explique o papel da Revolução Soviética diante do movimento internacional comunista, segundo a visão das principais lideranças revolucionária, Lênin e Trotsky;
2. Comente sobre as condições sociais, econômicas e políticas que contribuíram para a ocorrência da Revolução Soviética;
3. Caracterize os grupos políticos existentes na Rússia czarista;
4. Explique as conseqüências econômicas e políticas provocadas pelo isolamento da Revolução Soviética impostas pelas potências capitalistas;
5. Explique o significado da seguinte expressão: “dois passos para traz e três passos para frente”;

6. Identifique e compare as etapas da política econômica desenvolvida pelo Estado Soviético;
7. Comente sobre o processo de coletivização do campo e de industrialização da formação social e econômica comunista soviética durante a implementação da NEP no período stalinista;
8. Identifique os fatores que contribuíram para a crise econômica e política que contribuiu para o desmoronamento do Estado Soviético;
9. Identifique e caracterize as fases da política econômica desenvolvida pelos Estados Revolucionários de Cuba e China;
10. Comente sobre o que significou as revoluções socialistas na perspectiva econômica e social para as sociedades russa, cubana e chinesa.

REFERÊNCIAS

- BEAUD, Michael. **História do Capitalismo**: de 1500 aos nossos dias. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.
- BRENER, James. **1929**: a crise que mudou o mundo. São Paulo:, Editora Atica, 1996,
- BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- CALLINICOS, Alex. **Marxismo e imperialismo hoje**. Disponível em <<http://socialista.tripod.com>>. Acesso em 22/03/2007.
- . **A vingança da história**: o Marxismo e as revoluções do Leste Europeu. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- FERREIRA, Jorge. **O socialismo soviético**. In. O século XX. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2000, p. 93.
- HOBBSBAWM, Eric J. **A era dos extremos**: o breve século XX – 1914/1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- . **Adeus a tudo aquilo**. In. Depois da queda: o fracasso do comunismo e o futuro do socialismo. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2005.
- HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. 17 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- HUNT ; SHERMAN. **História do pensamento econômico**. 5 ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1986.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998.
- MARX, Karl. **O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1978, p. 17.
- MÉSZAROS, István. **Cadê o livro?**. São Paulo: Ensaio, 1989.
- MIGLIOLI, Jorge. **O Marxismo e o sistema econômico soviético**. In. Revista Crítica Marxista. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1995, v. 1, n. 2.
- OHLWEILER, Otto Alcides. **Materialismo Histórico e crise contemporânea**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

———. **O capitalismo contemporâneo**. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1986.

REIS, F. Daniel Aarão. **As revoluções russas**. In. Século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 56.

SANDRONI, Paulo. **Novo Dicionário de Economia**. 2 ed. São Paulo: Ed. Best Seller, 1994.

SINGER, Paul. **O Socialismo**. In: Aprender Economia. 17 ed. São Paulo: Editora Contexto, 1998.

TRAGTENBERG, Maurício. **Reflexões sobre o socialismo**. São Paulo: Ed. Moderna, 1986.

VIZENTINI, Paulo F. (org.). **Revolução soviética – 1905/1945: o socialismo num só país**. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1989, p. 31-32.